## Carlos Drummond de Andrade — A um morto na Índia

Meu caro Santa Rosa, que cenário diferente de quantos compuseste, a teu fim reservou a sorte vária, unindo Paraíba e Índias de leste!

Tudo é teatro, suspeito que me dizes, ou sonhas? ou sorris? e teu cigarro vai compondo um desenho, entre indivisos traços de morte e vida e amor e barro.

Amavas tanto o amor que as musas todas ao celebrar-te (são mulheres) choram, e não pressentem que um de teus engodos é não morrer, se as parcas te devoram.

Retifico: são simples tecedeiras, são mulheres do povo. E teu destino, uma tapeçaria onde as surpresas de linha e cor renovam seu ensino.

Que retrato de ti legas ao mundo? Se são tantos retratos, repartidos na verlainiana máscara, profunda mina de intelecções e de sentidos?

Meus livros são teus livros, nessa rubra capa com que os vestiste, e que entrelaça um desespero aberto ao sol de outubro à aérea flor das letras, ritmo e graça.

Os negros, nos murais, cumprem o rito litúrgico do samba: estão contando a alegria das formas, trismegisto princípio de arte, a um teu aceno brando. Essa alegria de criar, que é tua explanação maior e mais tocante, fica girando no ar, enquanto avulta, em sensação de perda, teu semblante.

Cortês amigo, a fala baixa, o manso modo de conviver, e a dura crítica, e o mais de ti que em fantasia dança, pois a face do artista é sempre mítica,

em movimento rápido se fecha na rosa de teu nome, claro véu, ó Tomás Santa Rosa… E em Nova Delhi, o convite de Deus: pintar o céu.

Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo